

José Martí, a Guerra Civil norte-americana e o pensamento político dos abolicionistas nos Estados Unidos (décadas de 1880 e 1890)

Lucas Machado dos Santos¹

Resumo: Desenvolvemos neste ensaio uma abordagem transnacional acerca da interpretação histórica do cubano José Martí sobre dois aspectos da História dos Estados Unidos que estão intimamente conectadas com a História Mexicana e das Nações do Caribe, principalmente Cuba: as consequências da Guerra Civil Americana e a luta abolicionista nos Estados Unidos. Acreditamos que esta chave é fundamental para compreendermos os volumosos textos jornalísticos que este importante intelectual e líder político cubano escreveu sobre o gigante do Norte e sobre estes dois temas selecionados, em particular. Realizamos neste ensaio, uma reflexão que dialoga com a historiografia latino-americana e estadunidense e pesquisas mais recentes sobre a obra deste intelectual, com foco no debate racial, para, por fim, apontar, a partir da análise de artigos para a imprensa, as perspectivas do abolicionismo radical e do anticolonialismo diretamente no posicionamento de José Martí durante as décadas de 1880 e 1890 do século XIX.

Palavras chave: História Transnacional; História Intelectual; História da América Latina e Estados Unidos.

José Martí, the American Civil War and the political thought of the abolitionists in the United States (1880s and 1890s).

Abstract: In this essay, we develop a transnational approach to the historical interpretation of the Cuban José Martí on two aspects of the History of the United States that are intimately connected with the History of Mexico and the Caribbean Nations, mainly Cuba: the consequences of the American Civil War and the abolitionist struggle in U.S. We believe that this key is fundamental to understanding the voluminous journalistic texts that this important Cuban intellectual and political leader wrote about the giant of the North and about these two selected topics in particular. In this essay, we carry out a reflection that dialogues with Latin American and American historiography

¹ Doutor em História Social da Cultura pela PUC RIO, Mestre em História Social pela UFRJ, foi Pesquisador Visitante na C.U.N.Y. (The City University of New York), atualmente atua como professor da rede municipal do Estado do Rio de Janeiro.

and more recent research on the work of this intellectual, focusing on the racial debate, to, finally, point out, from the analysis of articles for the press, the perspectives of radical abolitionism and anti-colonialism directly in the position of José Martí during the 1880s and 1890s of the 19th century.

Keywords: Transnational History; Intellectual History; Latin American History and the United States.

Artigo recebido em: 28/02/2022

Artigo aprovado para a publicação em: 05/04/2022

Introdução

Gostaríamos de desenvolver neste ensaio uma abordagem transnacional e conectada acerca da interpretação histórica do cubano José Martí (1853-1895) sobre aspectos da História dos Estados Unidos que estão intimamente conectadas com a História Mexicana e das Nações do Caribe, principalmente Cuba. Os eventos da Guerra Civil Americana e a luta abolicionista nos Estados Unidos estiveram conectados, de diferentes formas, aos processos históricos da luta anti-colonial e anti-escravista no Caribe, e acreditamos que esta chave é a mais adequada para compreendermos o sentido correto dos volumosos textos jornalísticos que este importante intelectual e líder político cubano escreveu sobre estes dois temas selecionados, em particular. Para podermos realizar isso, começamos com uma avaliação de alguns trabalhos recentes da historiografia sobre o significado da Guerra Civil Americana em perspectiva transnacional. Na segunda parte do presente artigo, fazemos a avaliação crítica de alguns trabalhos recentes que inovam os debates sobre raça nos escritos de nosso intelectual escolhido. Terminamos analisando alguns documentos históricos, mais exatamente, crônicas jornalísticas, que apontam as perspectivas do abolicionismo radical, o anticolonialismo e antiimperialismo diretamente no posicionamento de José Martí durante as décadas de 1880 e 1890 do século XIX.

Abordagens historiográficas sobre a Guerra Civil Americana e o Caribe em perspectiva transnacional.

O historiador Stanley Harrold (2016, p.6-26) escreveu um capítulo em uma coletânea, de publicação recente, sobre os afro-americanos, a democracia e a Guerra Civil Americana. Sua produção avalia as percepções dos abolicionistas norte-americanos sobre os sucessos e limites da atuação dos movimentos abolicionistas, antes e depois da Guerra Civil, sobre os temas da moralidade e violência, termos sutis que se manifestaram nas reflexões dos intelectuais e lideranças engajadas no abolicionismo. Willian Lloyd Garrison (1805-1879), por exemplo, foi um dos protagonistas que divulgaram a tática do pacifismo e da não resistência (*non resistance*) mas, ainda assim, radicalizou seu posicionamento durante o processo que levou ao conflito aberto, a secessão e a emancipação. Antes do início da Guerra, diferentes posicionamentos existiram, como, também, o de John Brown (1800-1859) e Gerrit Smith (1797-1874), que radicalizaram o discurso sobre a necessidade de ação direta para emancipar os escravizados. Segundo o autor, a radicalização do processo que levou à guerra favoreceu, mesmo entre os pacifistas, o apoio à ação direta. Os abolicionistas, nesta interpretação, estiveram no centro das transformações sociais e históricas mais importantes que aconteceram naquele período (HARROLD, 2016, p.7), atuando de diferentes formas, inclusive, tendo pressionado o congresso ajudando a moldar a Proclamação da Emancipação de Abraham Lincoln e a decisão da União de recrutar homens negros em seus exércitos para a guerra. A eleição de Lincoln, a secessão de diferentes estados sulistas e a convocação das tropas da União feita por um presidente que era considerado anti-escravista, embora não tenha sido exatamente um abolicionista engajado, todos esses movimentos tiveram o impacto das idéias abolicionistas que marcaram este período histórico. O ponto de vista pacifista tornou-se minoritário em um contexto que fazia um chamado aos abolicionistas no caminho da ação direta. Mesmo Garrison, naquele contexto, considerou a guerra como uma cruzada necessária pela liberdade, em oposição às oligarquias escravagistas do Sul. O autor descreveu que a ação dos abolicionistas em diferentes âmbitos, com enorme impacto durante este processo histórico, incluiu homens e mulheres, brancos e negros, tendo servido nos

campos de batalha como enfermeiros, professores e administradores. Trabalharam na formação do *Freedmen's Bureau* e inspiraram a décima terceira emenda, moldaram a décima quarta e reivindicaram a décima quinta. O resultado foi o fim da escravidão, o reconhecimento dos direitos civis dos negros, e a reivindicação dos homens negros terem direito ao voto (HARROLD, 2016, p.10).

Na interpretação dos abolicionistas históricos, a Guerra foi direcionada por uma espécie de Razão Histórica, de sentido meta-histórico e hegeliano, em direção à ampliação do espaço da luta pela liberdade no mundo. Em sentido prático, pressionar o governo de Lincoln a incorporar os negros libertos diretamente na luta foi um dos maiores efeitos práticos da pressão política dos abolicionistas da época. Para além das pautas que foram colocadas pelos atores reconhecidos como abolicionistas podemos ponderar, também, que as transformações históricas e sociais não aconteceram sem que se alterasse a gramática utilizada para se interpretar e agir sobre a realidade política e social. Neste sentido, os abolicionistas foram bem sucedidos em criarem não apenas demandas, mas um vocabulário e discurso político que embasaram as transformações de vulto que ocorreram. Os debates em torno dos sucessos e falhas dos movimentos abolicionistas continuaram, porém, após o fim da guerra (HARROLD, 2016, p.11). Se de um lado, muitos relatos enfatizaram o aspecto heróico da ação dos líderes brancos e negros dos movimentos abolicionistas, contrastando menos as diferenças políticas manifestas entre estes atores durante o processo que levou a emancipação, muitas figuras admitiram não terem conseguido obter todos os resultados esperados. Também se modificou, após o fim da guerra, o acento radical na retórica dos atores políticos, que passaram em sua maioria, a reivindicar formas de ação pacífica para a luta por igualdade entre brancos e negros. Segundo o autor:

Despite such self congratulation, however, many abolitionists, Black and White, came to believe they had failed to accomplish one, or perhaps both of their major goals. They lamented that the termination of legal slavery had not led white Americans to accept equal rights for African Americans. Most surviving abolitionists concluded that, while they had secured emancipation, they failed to bring about moral reformation in white opinion. Returning to pacifism, abolitionists (in contrast to John Brown and Karl Marx) asserted that only peaceful means could produce such a reformation (Id. Ibid.).

A luta social nos Estados Unidos, porém, continuou a levar seus atores a terem que refletir sobre estes autênticos dilemas morais, já que, como sabemos, os afro-americanos apenas conquistaram a plenitude da igualdade dos direitos civis na década de 70 do século XX, de um modo que em gerações posteriores, os dilemas morais sobre quais seriam as formas mais eficientes e legítimas de luta continuaram. A mesma questão pode ser endereçada no que diz respeito à luta dos movimentos operários pela regulação da jornada de trabalho e outras pautas a partir de fins do século XIX. Neste contexto também, encontramos diferentes pontos de vistas como os dos ativistas socialistas e anarquistas, muitos de origem imigrante e mais radicais do que reformadores protestantes de retórica predominantemente religiosa e pacifista.

A historiografia norte-americana do século XIX, predominantemente conservadora em relação ao debate sobre a emancipação, em sua maioria, teria falhado ao não apontar os limites da extensão de direitos civis e políticos aos afro-americanos (HARROLD, 2016, p.21). Os abolicionistas ofereceram vozes mais radicais, também a esse debate, pautando os limites dos direitos alcançados após a reconstrução e a retirada da ocupação militar da União no sul dos Estados Unidos, que ocorreu em 1877. As vozes abolicionistas que denunciaram os limites relativos aos avanços após o abandono da reconstrução foram deste modo, silenciados pela historiografia oficial. Mesmo entre as gerações subseqüentes, não tínhamos um consenso sobre as fronteiras e a intensidade do impacto da ação dos movimentos abolicionistas na História dos Estados Unidos no século XIX. Podemos apontar, porém, que estes movimentos e idéias percorreram o tempo e o espaço, oferecendo experiências que foram recuperadas pelos diferentes movimentos e lideranças, também, no século XX. Observando este panorama complexo, como será demonstrado, acreditamos que José Martí dialogou muito ativamente com as idéias e linguagem política dos abolicionistas norte-americanos, deixando sobressair sua admiração pelos abolicionistas radicais de sua geração anterior, que também o inspiraram em sua luta anti-colonial e anti-escravista pela libertação de Cuba.

Uma importante publicação recente da historiografia sobre o significado transnacional da Guerra Civil Americana aponta, segundo os editores do livro (DOYLE;

NAGLER; GRASER, 2016, p.1-12) a necessidade de se expandir os olhares sobre esse importante evento histórico para além de perspectivas estritamente nacionais ou nacionalistas. O impacto transnacional da Guerra e sua conexão, em diferentes âmbitos, com os processos históricos de diferentes países podem trazer novos insights sobre esses processos históricos complexos. Para os fins de nosso presente interesse, as conexões deste processo histórico com o México e o Caribe ficam em tela². Segundo os editores, o livro aponta uma tendência de junção dos estudos em história comparada, histórias conectadas e história transnacional, que nos parece muito interessante. Também uma história global destes fenômenos só é possível de ser escrita devido ao avanço das investigações, utilizando diferentes fontes, tais como os modernos meios de comunicação que se desenvolviam como inovações naquele período de fins do século XIX. Correspondências diplomáticas, periódicos, cartas e, de maneira mais ampla, as redes de conexão possibilitadas pela imprensa, às redes de telégrafos, as conexões geradas pelas construções das ferrovias, embarcações a vapor em meio transatlântico e assim por diante. Quer dizer, essas histórias podem ser escritas ao identificarmos as redes globais de conexão (DOYLE; NAGLER; GRASER, 2016, p.5).

O historiador Nicholas Guyatt (2016, p.205-229), em capítulo do referido livro, traça interessantes conexões entre o processo histórico da Guerra Civil Americana e o Caribe, que nos ajudam a elucidar o contexto histórico das fontes que pretendemos abordar. O autor aponta como após o fim da Guerra Civil nos Estados Unidos (1865), a escravidão continuou a existir até 1873 em Porto Rico e 1886 em Cuba, sob a persistência de um regime de dominação colonialista da Espanha. Evidentemente, o resultado positivo da vitória da União na Guerra e a declaração da emancipação tiveram um impacto importante na luta dos caribenhos contra ambos o regime colonialista e a escravidão. A derrota do Império (1864-1867) de Maximiliano (1832-1867) no México

² Entendemos que a abordagem transnacional nos permite compreender melhor as formas de compreensão, tradução e transformação das linguagens políticas, imbricadas em diferentes processos históricos, por exemplo, no caso do presente artigo, analisamos como a linguagem política do abolicionismo norte-americano impactou a escrita e ideário político do líder cubano José Martí, de um modo que demonstra como os processos históricos de diferentes países, neste caso, principalmente, Estados Unidos e Cuba, no que toca ao processo de luta contra a escravidão, possuíram linguagens políticas que se desenvolveram gerando leituras recíprocas em diferentes idiomas.

e a vitória dos liberais mexicanos liderados por Benito Juárez (1806-1872) jogaram cal de pedra nas intenções de sulistas da América do Norte de anexarem territórios no Caribe como Cuba, Porto Rico e Santo Domingo, com o objetivo de ampliar os Estados escravistas da Confederação. Foi apontado, também, como os confederados viram de modo favorável o projeto de Império promovido por Napoleão III para governar o México já que, dentro de uma visão colonialista, os mexicanos não teriam capacidade de governar a si mesmos por conta de uma suposta inferioridade racial induzida pelo processo de miscigenação. De diferentes modos, racismo e colonialismo se viram conjugados nestas elaborações de políticas escravagistas e colonialistas. A derrota dos confederados e do Império de Napoleão III nas Américas significou, portanto, uma vitória dos valores democráticos, liberais e, também, anti-escravistas e anti-colonialistas.

O exemplo acima citado demonstra como diferentes grupos sociais e políticos interpretaram de modos divergentes e, em certos momentos, antagônicos, os mesmos processos históricos conectados entre Estados Unidos, México e Caribe. A Revolução Haitiana, por exemplo, foi utilizada como argumento para os abolicionistas norte-americanos sobre a capacidade de ação e autodeterminação dos negros, enquanto os escravagistas cinicamente apontavam apenas os problemas sociais e econômicos desta independente nação do Caribe. Abolicionistas radicais como Wendell Phillips (1811-1884) tomaram Toussant Louverture (1743-1803) como exemplo e congressistas como Charles Sumner (1811-1874) reivindicaram o reconhecimento do Haiti. Ao mesmo tempo, temos que reconhecer os diferentes vieses através dos quais os estadunidenses debateram o Caribe. Ulysses Grant (1822-1885), durante seu mandato presidencial, defendeu a anexação de Santo Domingo, postura política que rendeu críticas à sua figura por parte de José Martí, em sua famosa crônica sobre o general da União que depois se tornou depois Presidente. Até mesmo Frederick Douglass (1818-1895) foi favorável a anexação de nações do Caribe aos Estados Unidos, com o objetivo de supostamente ampliar a democracia americana às nações do Caribe e garantir uma possibilidade dos afro-americanos imigrarem para esta região, postura que também foi criticada por José Martí em seus textos jornalísticos (FOUNTAIN, 2014, p.59-76).

Essas observações nos permitem avaliar estes escritos dentro destes contextos mais amplos de divergentes visões e posicionamentos políticos existentes mesmo entre atores que foram de um campo de atuação mais progressista. No caso de José Martí, afirmar a autodeterminação dos povos e nações do Caribe foi uma questão central e um divisor de águas em comparação a essas outras figuras. Charles Sumner, neste sentido, foi uma figura que se opôs no interior do Senado Americano às políticas e projetos de anexação, ao contrario de outros republicanos que viam na anexação de ilhas do Caribe, uma oportunidade para incentivar afro-americanos a migrarem para fora dos Estados Unidos, tal como, em escala pequena, aconteceu com a Libéria e Haiti.

Neste tocante, é importante assinalar como os debates sobre anexação de Cuba aconteciam nos Estados Unidos desde a década de 1850, de um modo que Cuba foi vista por estes atores como uma fronteira a ser ampliada e anexada, ação que seria justificada pela Doutrina do Destino Manifesto. A oligarquia escravista do Sul via a oportunidade de anexar um território de economia escravista, ao mesmo tempo, preconceitos raciais direcionados contra os negros cubanos, mas também a elite *criolla*, que não seria branca o suficiente para o critério europeu ou norte-americano, gerou discursos de preconceito e racismo dirigidos contra a população de Cuba e do Caribe, neste sentido. As propostas de anexação eram justificadas por uma visão colonialista e racista de que os brancos americanos poderiam governar melhor essas ilhas do que suas próprias populações vigentes. Apesar da derrota dos confederados, projetos anexionistas continuaram a serem elaborados após a Guerra Civil. Como sabemos, esses projetos só foram colocados em prática durante a Guerra de 1898 que levou à anexação de Porto Rico pelos Estados Unidos e à intervenção militar em Cuba. Nicholas Guyatt citou José Martí como um observador importante deste processo contraditório: “*José Martí, who had idolized Lincoln as a child, come to think that the United States of the 1870s and 1880s had lost its way, that the country of Lincoln had become something less noble*” (Guyatt, 2016, p.221).

Este ponto é importante para nós, na medida em que nos permite observar como os revolucionários caribenhos tiveram que alterar sua visão sobre as lideranças políticas do partido republicano dos Estados Unidos nas décadas de 1870 e 1880 pela

persistência do debate sobre a anexação de territórios, destoando dos posicionamentos progressistas de figuras como Charles Sumner a respeito deste tópico. Entendemos deste modo o vínculo de José Martí com o pensamento político dos abolicionistas radicais norte-americanos, de pensamento muito mais avançado do que lideranças do partido republicano como Ulysses Grant e, posteriormente, James Blaine, que persistiram em defender projetos anexionistas de diferentes formas.

A historiadora cubana Ada Ferrer, em sua obra *Insurgent Cuba* (1999) dedicou um capítulo de seu livro ao estudo do engajamento dos afro-cubanos no processo das guerras pela independência de Cuba (1868-1898) e ao estudo da ação política de intelectuais brancos e negros nos debates sobre a independência do país (FERRER, 1999, p.112-140). Segundo ela, os líderes independentistas tiveram que responder aos ataques do regime colonial, particularmente ao argumento de que uma guerra pela independência levaria a ilha caribenha a uma “guerra de raças”, de conseqüências funestas, de negros revoltados contra os brancos e a elite *criolla*. Os líderes independentistas foram unânimes em repudiar este discurso e defender que, na verdade, brancos e negros estavam lutando em comunhão pela libertação da pátria. Pois bem, apesar disso, a autora foi bem sucedida em demonstrar que esta defesa de um projeto comum não significou que não tivesse havido diferentes posicionamentos sobre o papel dos afro-cubanos nesta aliança proposta. O argumento central de Ferrer está em que os conceitos de nação e raça foram re-significados em Cuba, sobretudo na década de 1890, por conta da radicalização da luta no processo da independência, no qual os negros lutaram diretamente e assumiram papéis importantes de liderança no processo do conflito.

O argumento predominante entre os revolucionários independentistas foi o de que a luta pela liberdade do povo cubano estava além da divisão entre as raças. Esta proposta argumentativa colocou a união entre os brancos e os negros cubanos como pauta central, deixando o debate sobre a identidade política e a agência própria dos negros cubanos em segundo lugar. A pesquisa dela sublinha como intelectuais negros engajados neste processo, tais como Rafael Serra (1858-1909) e Juan Gualberto Gómez (1854-1933), ambos aliados de José Martí, estavam cientes destas limitações. A autora

explica que, após a Guerra dos 10 Anos (1868-1878), a luta independentista foi articulada, sobretudo, a partir das comunidades de exilados cubanos, que existiam desde o México até Paris, em escala trans-atlântica. Destas comunidades, as situadas na Flórida e Nova York tiveram destaque, também, pela sua proximidade com Cuba. A autora, neste sentido, resgata os debates que circulavam nos jornais e panfletos entre estas comunidades livres da censura do regime colonial espanhol, que ela define como uma comunidade nacional de caráter transnacional e insurgente. No interior deste contexto lingüístico, ela destaca varias obras e textos, como o do comandante Máximo Gómez (1836-1905), que escreveu a história de um negro liberto que se tornou um líder na guerra dos dez anos e fiel seguidor de Gómez (FERRER, 1999, p.118-119). Ramón Roa (1844-1912), segundo a autora, escreveu, também, a biografia de José Antonio Legón, negro liberto que morreu lutando em um conflito durante a mesma guerra (Id. Ibid). Nestas biografias escritas por líderes cubanos brancos, o acento estava na capacidade dos negros insurgentes seguirem a liderança de seus comandantes, criando um determinado viés neste debate que visava combater a ideologia acusatória da guerra de raças, promovido pelo regime colonial. A autora usa o exemplo de um líder como Guillermo Moncada (1841-1895) para ilustrar um caso no qual a imagem deste líder insurgente negro mudou, de acusações negativas sobre ele supostamente ter sido um comandante cruel, até a transformação de sua figura em um ícone rebelde em fins da década de 1880. A Guerra dos Dez Anos foi deste modo, re-significada de um modo que a interpretação sobre o seu caráter foi sendo radicalizado no processo que levou ao início da segunda guerra pela independência em 1895 (FERRER, 1999, p.122).

Segundo Ferrer, José Martí centrou seus esforços em unir as raças, de um modo que contribuiu para a criação de uma imagem da nação cubana como o lugar da redenção das raças. Em seus discursos, o líder Carlos Manoel de Céspedes (1819-1874) ao ter libertado negros escravizados sob seu comando e, depois, ele mesmo ter morrido durante o conflito, teria demonstrado um exemplo prático desta união das raças através da luta comum pela liberdade da nação. Outras lideranças, tendo aceitado o discurso geral de José Martí, teriam enfatizado outros argumentos. Manuel de Sanguily (1848-1925), por exemplo, teria proposto uma superioridade moral dos brancos, que deveriam

liderar a organização do conflito. Rafael Serra, intelectual negro, que foi jornalista, professor e trabalhador na indústria do tabaco, junto de Juan Gualberto Gómez, negro, jornalista, filho de pais escravizados e educado em Paris e Havana, atuaram na imprensa das comunidades de exilados afirmando a importância dos líderes negros em oposição ao discurso de Sanguily. Ambos concordavam com José Martí sobre o fato de que a aliança deveria ser forjada na luta (FERRER, 1999, p.126) mas propunham o protagonismo negro de um modo específico e autônomo, seja através da construção de uma imprensa própria, ou ações educativas entre as comunidades de negros cubanos imigrantes. Eles propunham uma identidade política para os negros cubanos de um modo explícito. Juan Gualberto Gómez, por exemplo, fundou em 1892 o *Directorio Central de las Sociedades de La Clase de Color*, no mesmo ano em que José Martí fundou o Partido Revolucionário Cubano, órgão dirigente da Revolução Cubana. Em resumo, a luta destes intelectuais negros por reconhecimento racial aconteceu de modo conectado à aliança que estava sendo coordenada para a realização da Guerra (FERRER, 1999, p.138).

José Martí e o debate racial nos Estados Unidos e Cuba.

O escritor cubano-americano Oscar Montero publicou um excelente livro em inglês, com o objetivo de apresentar o pensamento de José Martí ao público norte-americano e nova-iorquino, em particular (MONTERO, 2004). Um de seus ensaios, chamado *Against Race* (MONTERO, 2004, p.60-85) traz um importante panorama dos debates sobre José Martí e o conceito de raça. Ele apresenta os escritos de José Martí sobre os conflitos raciais dos Estados Unidos dentro de um panorama no qual, sobretudo no sul, mas também no norte, o abandono da Reconstrução Radical levou a um recrudescimento das políticas de segregação racial. Acreditamos poder afirmar que o entendimento deste contexto mais amplo nos ajuda a entender o diálogo de José Martí com o pensamento dos abolicionistas norte-americanos. Em uma época de recrudescimento nos avanços do reconhecimento da igualdade racial, o pensamento político dos atores abolicionistas que intervieram nos debates sobre a emancipação, teria sido de inspiração para aquela geração de ativistas de fim de século. Deste modo,

podemos compreender a valorização, pelo cubano, de lideranças abolicionistas norte-americanas tais como Wendell Phillips. A batalha contra o racismo e as políticas de segregação racial em fins do século XIX se deu em várias frentes, já que este foi, também, o período de emergência das teorias pseudo-científicas que justificavam ideologicamente essas políticas agressivas.

Ao mesmo tempo, portanto, esta época foi um tempo de organização e luta dos afro-americanos por direitos, outro aspecto histórico deste período que o cubano também registrou em suas crônicas. Oscar Montero enfatizou, deste modo em sua interpretação, o aspecto anti-racista e radical do pensamento do líder cubano e de seu posicionamento no debate racial. Em relação aos Estados Unidos, ele apontou José Martí ter interpretado uma época de transição, na qual os ideais democráticos estariam dando lugar a um fechamento das oportunidades com o crescimento do militarismo, dos monopólios financeiros e do imperialismo no âmbito da política externa, de um modo que todas essas manifestações estavam conectadas com o fenômeno do racismo. Esses aspectos da interpretação de José Martí sobre a política norte-americana podem ser encontrados, também, nas análises do importante historiador cubano contemporâneo, Pedro Pablo Rodríguez. A contribuição de Montero está em ter apontado a conexão das políticas domésticas, de claro retrocesso, que aconteciam naquele período, com o âmbito da política externa americana, também analisada por outros autores. Sobre o racismo, ele fez um comentário que acreditamos ter sido bem sucedido: “*Martí saw racism as a kind of inner exile, a corrosive evil that destroyed both the hater and the hated*” (MONTERO, 2004, p.64). O racismo, deste modo, é apresentado como um elemento corrosivo da psicologia social da sociedade norte-americana, tanto em relação a suas características objetivas quanto subjetivas.

Outra autora que aprofundou os estudos sobre José Martí, os Estados Unidos e o debate racial é a pesquisadora norte-americana da Flórida, Anne Fountain. Um aspecto interessante que ela desenvolveu em seus estudos foi o reconhecimento de que José Martí se utilizou ativamente dos problemas raciais dos Estados Unidos para apontar a necessidade de unir as raças em torno de um projeto comum de nação independente em Cuba. Ao invés de ter abordado diretamente a situação dos escravizados e libertos em

Cuba, ele preferiu usar, em muitos artigos para a imprensa, os Estados Unidos como objeto de análise, apontando, a partir deste prisma, os aspectos contraditórios dos conflitos raciais e a necessidade da luta por avanços e igualdade também na ilha caribenha. Temas, que foram desenvolvidos de forma aprofundada por intelectuais como W.E.B. Du Bois (1868-1963), aparecem pincelados nas crônicas do cubano. Por exemplo, o debate sobre o ressentimento dos brancos no sul dos Estados Unidos, com o avanço das conquistas políticas e sociais da população afro-americana. Martí ressaltou o aspecto progressista da organização dos negros na área da educação, dentre outras, fundando instituições próprias que visavam construir a cidadania entre os afro-americanos. Os próprios cubanos e afro-cubanos nas comunidades de Nova York e Flórida fundaram clubes com ações educativas, organizadas por intelectuais negros tais como Rafael Serra e Juan Gualberto Gómez, tal como já citamos acima. Martí examinou como, nos Estados Unidos, a busca por harmonia social e racial estava sendo frustrada e, por isso, se posicionou em relação às ações necessárias para se superar as divisões e desigualdade racial também em Cuba e na América Latina. Após a Guerra Civil e o abandono da reconstrução, as ações destinadas à luta por igualdade racial nos Estados Unidos passaram a ter uma conotação notadamente pacifista, tal como desenvolvemos acima. Neste país, a ação de movimentos religiosos protestantes teve muito peso, neste sentido. Já em Cuba, como temos abordado, o debate sobre a igualdade racial passava, de maneira indelével, pelo debate sobre a luta anti-colonial, de maneira direta. O que se debatia era qual seria o papel dos afro-cubanos na luta independentista e, também, tal como temos colocado, diferentes enunciados e posicionamentos surgiram em relação a essa questão, vista como polêmica, mesmo entre os líderes independentistas. De qualquer modo, é importante ressaltarmos a radicalidade do processo cubano, no qual os negros se engajaram diretamente, durante a década de 1890, na luta pela emancipação da pátria, quer dizer, dentro de um contexto de luta muito distinto dos Estados Unidos no mesmo período, no qual as leis *Jim Crow* começavam a vigorar no sul. Talvez, pelo fato do contexto cubano exigir a ação direta, os abolicionistas radicais norte-americanos foram de tamanha importância para José

Martí, na medida em que estes, também, tiveram nas décadas anteriores à emancipação, um protagonismo marcado pela ação direta³.

Em relação às crônicas jornalísticas publicadas sobre a vida norte-americana em relação a esse tema, a autora aponta como o intelectual cubano se utilizou de materiais da imprensa norte-americana da época, traduzindo, modificando e até subvertendo seus conteúdos nas crônicas, quer dizer, ele não se limitou a comunicar aos leitores mexicanos, argentinos e venezuelanos de suas crônicas as mesmas informações obtidas da imprensa norte-americana sobre esses temas, ao contrário, ele se posicionava diante delas. Martí se utilizou ativamente da imprensa norte-americana como fonte, sem deixar de ter se posicionado pessoalmente frente aos temas que investigava (FOUNTAIN, 2014, p.49). Uma questão importante é o fato de que suas crônicas publicadas no periódico mexicano *El Partido Liberal* tiveram um conteúdo mais radical e direto do que as mesmas versões publicadas no periódico *La Nación*, de Buenos Aires. As novas edições críticas das Obras Completas de José Martí (2019) têm sido, recentemente, publicadas em vários volumes que nos permitem comparar estas diferentes versões dos textos, nos quais, as crônicas destinadas ao contexto mexicano, pela proximidade com os Estados Unidos, eram de linguagem mais radical⁴. Isso demonstra como o debate racial norte-americano foi utilizado pelo cubano como tema central de discussão acerca do caráter daquela sociedade no contexto de emergência das ameaças imperialistas. Voltaremos a desenvolver esse ponto na terceira parte do presente artigo.

Anne Fountain, em especial, demarcou como José Martí registrou o período de 1880-1890 nos Estados Unidos como uma época de retrocesso em comparação ao tempo que marca de 1865 a 1877. Outro aspecto, que é de nosso presente interesse, é a discussão feita pela autora sobre o abolicionismo norte-americano na produção de José Martí, um tema que, tal como temos salientado, é novo e tem atraído a atenção dos estudiosos contemporâneo da obra do autor. Ela chegou a listar os autores citados por Martí em sua obra de acordo com o conjunto de fontes disponíveis à época de sua

³ Enfatizamos aqui, a importância do pensamento político do abolicionismo para a construção do discurso de José Martí, sem negar outras fontes importantes de inspiração para este importante intelectual, tal como a larga bibliografia sobre seu pensamento político testemunha.

⁴ A última publicação, equivalente ao volume 29, é de 2019.

pesquisa (2014). Como explicamos, nos últimos anos, mais material tem sido disponibilizado pelo *Centro de Estudios Marianos* de Havana. Segundo a autora:

Twelve important figures in the abolition movement appeared in Martí writings. Henry Ward Beecher, Elijah Lovejoy, John Brown, Willian Ellery Channing, John Swinton, Wendell Phillips, Willian Lloyd Garrison, Frederick Douglass, Henry Garnet, Harriet Beecher Stowe, John Greenleaf Whittier and Willian Cullen Bryant (FOUNTAIN, 2014, P.61).

Os abolicionistas norte-americanos, para o escritor cubano, foram o exemplo do que de mais generoso a América do Norte daquele século pôde oferecer ao mundo. A dedicação que José Martí teve ao estudo destes autores também demonstra como houve diálogo positivo deste intelectual com a tradição política norte-americana, principalmente no que toca a importância que ele conferiu às figuras que se destacaram como ícones da luta por igualdade e justiça social. Segundo Fountain (2014, p.52-53), as análises dele não foram isentas de erros e imprecisões históricas, além de certos exageros retóricos, porém, no seu conjunto, formaram uma intervenção significativa, tendo dado aos leitores dos periódicos hispano-americanos da época, uma visão e opinião crítica acerca dos processos históricos daquele país. Entre as figuras destacadas, estão vários líderes religiosos protestantes, que tal como colocamos, tiveram destaque na luta pela emancipação nos Estados Unidos, como também líderes que foram mártires da causa abolicionista, a exemplo de John Brown, que pela característica do apelo à ação direta, tinha um peso na retórica do cubano, ligada à preparação da guerra pela independência de Cuba. O abolicionista Wendell Philipps foi o autor mais analisado por José Martí, como veremos adiante. Embora não tenha sido um líder abolicionista, encontramos na crônica do cubano sobre a vida do general e, depois, presidente dos Estados Unidos, Ulysses Grant, importantes análises sobre o processo da Guerra Civil Americana, que são, também, de nosso interesse de análise. Muitas citações, como veremos, foram feitas a respeito de Abraham Lincoln. Abolicionistas negros tais como Frederick Douglass e Henry Highland Garnet também estiveram presentes nestes textos, sem deixarmos de mencionar a escritora Harriet Beecher Stowe e seu famoso romance *Uncle Tom's Cabin*. Destes autores, para o interesse da discussão que estamos tecendo,

focaremos nos textos que analisam a vida ou a obra de Wendell Phillips e o general Ulysses Grant.

O Abolicionismo radical na interpretação de José Martí sobre a Guerra Civil Americana.

José Martí se interessou intensamente pela história do movimento abolicionista norte-americano e seus líderes. Ele chegou a expressar, em certos momentos, o desejo de escrever um livro sobre os ativistas do abolicionismo norte-americano e a atuação periodista destas lideranças. Ele elaborou planos para escrever muitos livros que não vieram à realidade e, ao invés, analisou detidamente os temas pelos quais se interessou publicando suas conclusões em suas crônicas periodistas. O interesse acerca destes temas não foi fortuito. Sabemos que o processo da emancipação da escravidão nos Estados Unidos teve contornos únicos. Tratou-se de uma emancipação que ocorreu durante a Guerra Civil que dividiu o país. O resultado foi a emancipação, sem nenhum tipo de indenização aos antigos escravistas proprietários, um processo de emancipação cujo conjunto, foi deveras radical. Sabemos, também, que a emancipação em Cuba, inversamente, foi das mais tardias da História das Américas, aconteceu em 1886, ainda de baixo da tutela do regime colonial espanhol. José Martí, enquanto uma importante liderança do processo da independência cubana se interessou pela história do abolicionismo norte-americano e suas repercussões por conta deste processo histórico ter-lhe oferecido, dentre outras fontes, exemplos e lições para a luta que lhe era contemporânea, da emancipação em Cuba e da tarefa da construção de uma sociedade que superasse ambos os elementos que fundamentavam seu caráter aristocrático, dividido e excludente: o colonialismo e a escravidão.

Uma fonte importante para acessarmos a interpretação do cubano acerca da Guerra Civil Americana e suas consequências foi a crônica publicada em 12 de agosto de 1885, no periódico porteño, *La Nación*, sobre a vida do general Ulysses Grant, por conta do acontecimento de sua morte no mesmo ano. Essa crônica foi uma das favoritas do autor, e lhe garantiu excelente fama através de suas diferentes versões publicadas nos diversos países da América Hispânica. O objetivo da crônica é ambicioso e isso já é

colocado diretamente no seu título: *El General Grant. Estudio de la formación, desarrollo e influjo de su carácter, y de los Estados Unidos en su tiempo* (MARTÍ, 2016, v.22. p.117-144).

O cubano, lançando um olhar retrospectivo acerca deste processo, buscou enfatizar, sobretudo, a contribuição das lideranças abolicionistas para a interpretação do significado da guerra e suas repercussões históricas. Naquele tempo, abolicionistas elogiados por José Martí como Wendell Phillips, Charles Sumner e Frederick Douglass apontaram com agudeza o nexos entre a luta pela manutenção da União com a Emancipação e a Liberdade: “*Los tiempos eran aquellos de la más noble cruzada que jamás vieron los hombres. De un mar a otro hervían los estados del Norte: ‘No ha de haber más esclavos’*” (MARTÍ, v.22, 2016, p.122). Podemos observar, deste modo, a importância da tradição abolicionista para a interpretação martiana do processo histórico que levou à Guerra Civil. Na descrição do autor, é como se a mesma nação estivesse dividida entre dois povos com personalidades e configurações históricas e sociais distintas, uma assentada sobre o trabalho livre e o espírito da liberdade, e a outra, sobre o despotismo e a escravidão: “*El sur, hecho a mandar, veía con cólera a resistencia del Norte a sus voluntades, y sonreía a la gente burda de los estados libres*” (MARTÍ, 2016, v.22, p.123). É necessário, porém, ampliar o escopo da importância da tradição abolicionista norte-americana para o pensamento de José Martí, para além da interpretação da história política norte-americana, em direção ao conjunto do pensamento político do autor.

A linguagem política do abolicionismo, como sabemos, possuía dimensão internacional e atlântica. Expliquemos. A opção de Martí de privilegiar a análise do processo histórico da Guerra Civil, segundo o olhar da vertente abolicionista, demonstra como essa vertente do pensamento político contribuiu para sua interpretação acerca dos dilemas da sociedade norte-americana e, também, da sociedade cubana e dos conflitos que se desenrolavam simultaneamente em ambos os países. Quer dizer, no caso cubano, seria impossível alcançar a emancipação e a igualdade racial sem conectar a luta dos afro-cubanos pela liberdade e direitos civis com a luta anti-colonial. O processo cubano, neste aspecto, foi inclusive muito mais radical do que o que ocorreu nos Estados

Unidos, visto que diversas lideranças negras assumiram postos de destaque nas forças rebeldes em igualdade com os brancos. Sabemos, também, que em Cuba, a mobilização de brancos e negros lutando contra o regime colonial já estava sendo experimentada desde a Guerra dos Dez Anos e, portanto, serviu de experiência para a geração de Martí planejar os novos passos da luta anti-colonial e anti-escravista.

É importante ressaltarmos que os afro-cubanos tiveram que travar duras lutas para serem reconhecidos como protagonistas das lutas rebeldes, como demonstra a trajetória de Antonio Maceo (1845-1896), dentre outras lideranças. Ao narrar o processo do conflito entre os Estados do Norte e do Sul, o cubano destacou a importância de Wendell Phillips para a aprovação da Califórnia enquanto estado livre da escravidão e denunciou a violência sulista contra a população afro-americana e os colonizadores dos novos estados livres: *“Y el Norte, fatigado de aquella inhumanidad y de la arrogancia del Sur, clamaba como libre el estado nuevo, inundado de merodeadores sudistas que en batallas campales o en asaltos nocturnos disputaban la tierra a los colonos abolicionistas”* (Id, Ibid) .

O texto enfatiza os conflitos em torno da ambição sulista de reaver escravos fugitivos e descreveu a luta abolicionista com terminologia e tom moral e religioso. Sabemos que a Declaração de Independência de Thomas Jefferson e a narrativa bíblica da jornada do povo escolhido em busca da liberdade serviram de grande inspiração para os movimentos abolicionistas. Ambas essas características aparecem no destaque, atribuído pelo cubano à figura de John Brown, abolicionista branco que se tornou um mártir da luta pela emancipação após ter sido executado por ter estimulado a luta armada contra a escravidão nos estados do Sul. De fato, entre as comunidades negras dos Estados Unidos, a memória de John Brown foi cultivada como símbolo da luta pela emancipação, direitos civis e igualdade, através de canções que fazem parte até hoje do folclore popular.

A interpretação da Guerra Civil, pela lente da corrente abolicionista, molda na narrativa os fatos conhecidos. Abraham Lincoln, por exemplo, que, segundo a historiografia contemporânea, viveu momentos de indecisão acerca de assumir ou não a centralidade da bandeira da emancipação, é apresentado pelo cubano como um líder que

teria abraçado essa ideia com mais arrebatamento e sem hesitação. John Brown, por sua vez, é comparado à imagem de Jesus Cristo em uma clara alusão religiosa, ao mesmo tempo radical e explosiva.

Tanto quanto a historiografia do século XIX após o conflito, Martí se dedicou a narrar em tons épicos os acontecimentos mais importantes da Guerra e suas batalhas, ressaltando ao leitor hispano-americano, sua dimensão colossal: *“Dieciséis mil hombres tenían por todo ejército los Estados Unidos cuando se declaró la guerra que cinco años después cerraba, al mando de Grant, con 1.000.516 soldados en servicio activo y 2.254.006 en reserva”* (MARTÍ, 2016, v.22, p.124).

O autor, de fato, projetou este conflito como um dos acontecimentos históricos mais importantes de seu tempo, atribuindo-lhe características universais. Enfatizou que o verdadeiro sentido da guerra e da intervenção política de Abraham Lincoln teria sido a emancipação de quatro milhões de homens, tornando-os livres. Como é de hábito em suas crônicas, o autor traduziu livremente trechos de discursos e textos do inglês para o espanhol de modo a ampliar o efeito de dramaticidade e realismo narrativo, tornando vivos os personagens participantes do processo histórico. A mirada do autor acerca dos acontecimentos é norteada por uma interpretação filosófica de conjunto. De uma forma, talvez, similar à famosa Filosofia da História de Hegel, Martí buscou personificar nas lideranças e figuras mais importantes do conflito, o que seria o sentido real e mais profundo dos acontecimentos.

O significado real do processo, em seu conjunto, escaparia à visão dos atores menores. O contorno geral da interpretação sugere que embora o conflito histórico permita a possibilidade da ampliação da realização do espaço da liberdade no mundo, esse aspecto não é necessariamente compreendido pelos atores realmente envolvidos, a não ser naqueles momentos em que personagens fundamentais, como Lincoln, teriam tomado uma postura decisiva, tornando possível a realização deste propósito no mundo. Enquanto assunto de curiosidade intelectual, é interessante lembrarmos que Karl Marx projetou a Guerra Civil Americana enquanto um dos acontecimentos históricos mais importantes daquele período, por conta do seu desfecho, favorável à emancipação, tanto quanto José Martí.

Neste ponto, é interessante recordarmos que o primeiro estudo sistemático, que nos oferece uma tentativa de interpretação geral do significado das *Escenas Norteamericanas*, foi lançado em 1961 pelo estudioso cubano-americano Manuel Pedro González, décadas depois da morte de José Martí em 1895. O título do trabalho de González (2011) é bastante significativo: *José Martí – Epic Chronicler of the United States in the Eighties*. A primeira obra que tentou atribuir uma interpretação de conjunto destes textos, ou melhor, a quantidade deles disponíveis à época, reunidos para serem pesquisados, enfatizou o tom épico da narrativa de Martí. Outro pesquisador cubano, o atual presidente do *Centro de Estudios Marianos* de Havana, Pedro Pablo Rodríguez (2006), parafraseando o original, expressou que José Martí escreveu crônicas portentosas sobre tempos portentosos. Poderíamos acrescentar que esses tempos portentosos foram narrados em tom simultaneamente épico e trágico.

A perda de referencial nos valores republicanos clássicos, a ascensão do militarismo e a emergência de uma República Imperial, de uma “América Europeia” ou “América de César”, empregando aqui os termos que foram frequentemente usados pelo cubano, nos transmitem a imagem de um processo histórico marcado pela tensão entre a ascensão da prosperidade econômica e material e suas repercussões sociais, políticas e culturais. O ensaio sobre Ulysses Grant como que nos oferece uma imagem e uma síntese dessas contradições. O General que liderou o Norte na Guerra Civil Americana, posteriormente, na condição de Presidente, foi a mesma pessoa que manifestou uma visão militarista da República, bastante preocupante para a América Latina, principalmente México e Caribe.

Nesta crônica o autor citou a denúncia de Charles Sumner contra um tratado de anexação negociado com o governo de Santo Domingo, que foi apoiado por Ulysses Grant, e relacionou o contexto de crescente burocratização e militarização da sociedade com a trajetória pessoal de Grant. Aponta que mesmo à Thomas Jefferson, não foi atribuído o título de general e relacionou este acontecimento com a crescente separação e burocratização da instituição militar, em relação a seu vínculo, com o conjunto dos cidadãos e a sociedade. A ascensão do general no território da política seriam sintomas deste processo de afastamento das instituições militares em relação a um possível

controle por parte dos cidadãos O autor buscou traçar uma conexão direta entre as ambiguidades e contradições da república da América do Norte, que não teria excluído, nesta interpretação, a sua face militarista e expansionista mesmo nos momentos ápices de sua trajetória na luta pela liberdade.

Ao abordar o ensaio sobre a vida de Ulysses Grant, privilegamos a importância da tradição abolicionista na interpretação histórica de José Martí. Para continuar a dar prosseguimento à análise da importância desta tradição política para o pensamento do autor, abordamos agora uma crônica publicada em 1884 e intitulada: *Filiación Política. El origen del Partido Republicano de los Estados Unidos* (MARTÍ, 2016, v.17, p.182-186). Esse ensaio é estruturado em torno do estabelecimento de um nexo entre o protagonismo político do Partido Republicano e a luta pela Emancipação e a ampliação do espaço da liberdade na República: *La constitución de este país estaba manchada por un vicio original: había transigido con la esclavitud de una raza. El Partido Republicano se fundó verdaderamente para limpiarla de esa mancha. No se componía solo de los mejores entre los vivos* (MARTÍ, 2016, v.17, p.182).

Nessa interpretação, a sociedade estava marcada pelo vício da escravidão, de um modo que uma Segunda Revolução de Independência fosse necessária para ampliar o escopo da democracia americana segundo os preceitos da declaração de Thomas Jefferson. Porém, tal como escreveu o intelectual norte-americano W.E.B. Du Bois (1935), em 1935, sobre a política do abandono da Reconstrução Radical, ao contrário da primeira Revolução de Independência Americana, o processo da Segunda, iniciado com a vitória do Norte na Guerra Civil, ficou inconcluso, de certo modo, até o nosso próprio tempo.

A Guerra Civil Americana teve, para Martí, a importância de ter iniciado uma re-fundação da sociedade, termo utilizado por ele próprio. Nesse tocante, ao invés de criticar a geração dos “pais fundadores” da República, pela limitação de não terem podido ou intencionado superar a escravidão, Martí preferiu interpretar que a geração de Lincoln, que lutou na Guerra Civil, estava completando os desígnios iniciados pelos Pais Fundadores: *“Las sombras de Washington, de Jefferson, de Franklin, de Hamilton presidían las sesiones, y los grandes antepasados de la libertad norteamericana*

tomaban parte en espíritu en la obra de refundación en que el oro puro iba a separarse de la escoria” (Id, Ibid).

Ao invés de explorar as dicotomias, ambiguidades e contradições da geração dos pais fundadores, Martí preferiu focar nos aspectos mais positivos da tradição política que teriam iniciado e que a geração que lutou pela União posteriormente teria dado continuidade e ampliado. Ainda ao escrever sobre o período colonial, da História das Colônias do Império Britânico na América do Norte, ele ressaltou que a contradição entre a escravidão e o trabalho livre, teria marcado a formação histórica dessa sociedade desde suas origens, utilizando um procedimento teleológico, projetando a imagem da existência de uma nação prefigurada no passado.

Como lo indica un historiador del hermoso movimiento las semillas de la esclavitud y de la libertad cayeron a un tiempo en el suelo de este continente. En 1620 el Flor de Mayo trajo los Peregrinos a Plymouth y en 1620 un buque holandés trajo a Virginia veinte esclavos africanos. Jamás se ha visto paralelismo más extraordinario (MARTÍ, v.17, 2016, p.183).

Alguns comentários se fazem necessários acerca desse trecho. Ele deixa claro que, na interpretação do autor, as colônias do Sul que aderiram ao modelo de sociedade fundada na *plantation* capitalista e escravista, conectada ao mercado internacional através do tráfico dos escravizados e da venda intensiva de produtos primários, embora fosse economicamente mais desenvolvido à época, não teria sido o modelo que carregou os germes da liberdade. Estes estariam nos postulados que favoreceram a existência de instituições de autogoverno e autodisciplina, nas colônias do Norte. José Martí, de fato, escreveu extensamente sobre os abolicionistas de Boston, capital do Estado de Massachusetts, e os projetaram como um exemplo do pensamento abolicionista e democrático.

De qualquer modo, é fundamental reconhecermos esta interpretação de que a contradição que dividiu o Norte e o Sul já teria começado a operar naquela sociedade desde o século XVII, segundo o autor, quer dizer, desde os primeiros tempos da colonização e, portanto, antes da Revolução de Independência, de acordo com esta operação teleológica. Sobre a Declaração de Independência, escreveu:

La Declaración de Independencia había dicho estas palabras memorables: “consideramos como la evidencia mismo que todos os hombres son iguales”. Pero la Declaración de Independencia fue la expresión del grande espíritu que animaba a los héroes y a los predicadores de la libertad, (...) La constitución política no fue en cambio sino un pacto: un pacto con el infierno, había de llamarla más tarde Wendell Phillips (Id, Ibid).

A Declaração de Independência, sobre a ótica da vertente do pensamento abolicionista foi um pacto político que não teria realizado a transformação social que era necessária. Martí dialoga, nessa crônica, com duas linguagens que foram poderosas fontes de inspiração para os movimentos abolicionistas daqueles tempos, a linguagem política, inspirada na Declaração da Independência e a religiosa, baseada na retórica bíblica. Ambas foram empregadas para denunciar, em termos morais e políticos, a permanência da instituição do cativo. O nexó entre capitalismo e escravidão, tal como foi constituído na sociedade do Sul dos Estados Unidos, fica deste modo denunciado no texto⁵.

Martí se dedicou, além disso, a explicar o projeto de um dos inúmeros livros que ele nunca teve tempo para escrever, neste caso, um livro sobre a ação política dos abolicionistas norte-americanos. Lendo essas crônicas, podemos ter aquela sensação de se deparar com esse cemitério de livros não escritos, porém, pensados e planejados que existiu na imaginação do cubano. Sabemos, também, que Martí escreveu os seus muitos livros imaginados de forma fragmentada em suas crônicas periodistas (ROJAS, 2014) Nessa obra imaginada, em particular, aparecem os grandes nomes do abolicionismo norte-americano e suas lideranças religiosas e políticas.

O interesse pelos escritos da imprensa e pela ação política exercida através do discurso oratório são alguns dos elementos que o autor se debruçou em suas análises. As opções de Martí de interpretar a vida política norte-americana através destes retratos demonstram essa abordagem teórica e histórica, preocupado com a formação política, educativa e cívica de seu público leitor. Quer dizer, se o autor não chegou a escrever o livro mencionado, por outro lado, ele tratou ostensivamente destes temas em suas crônicas periodistas. Dos muitos atores históricos mencionados, talvez aquele mais

⁵ Sobre os aspectos teóricos do nexó entre capitalismo e escravidão, ver: WILLIAMS, Eric. Capitalismo e escravidão. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

destacado nas narrativas do cubano foi Wendell Phillips. É interessante esta opção do cubano de ter enfatizado o pensamento de Phillips em sua busca de compreender a contribuição do abolicionismo norte-americano. Phillips foi um representante do pensamento republicano radical, em relação à defesa da emancipação e da reconstrução após o término da guerra civil. José Martí recuperou o espírito de indignação dos abolicionistas radicais, principalmente no uso de uma linguagem que condena a exploração do cativo em tons morais e religiosos, tal como foi anteriormente citado. O interesse de José Martí pela oratória do pastor Henry Ward Beecher (1813-1887), além do mártir abolicionista, John Brown, comparado por ele à figura do Cristo, são expressões claras desse posicionamento. Também é importante notarmos o interesse pelo pensamento do abolicionista negro, Frederick Douglass. O interesse do autor estava localizado na intenção de liderar uma frente nacionalista pela independência cubana, que agregasse o protagonismo de todas as raças na luta pela liberdade da pátria e, por isso, enfatizou esse espírito de sacrifício dos abolicionistas que denunciaram a escravidão de maneira radical nos Estados Unidos.

Eles teriam dado o exemplo dessa possibilidade de uma união radical de todas as raças pela liberdade da pátria, protagonizado por lideranças brancas e negras. A denúncia radical de Phillips ecoava a crítica de Martí feita à ideologia racial do Império Colonial Espanhol em Cuba, já que o regime colonial propagandeava a anarquia da sociedade e o caos da mistura de raças, se os rebeldes que lutavam pela independência fossem vitoriosos na ilha caribenha. Sobre a ideologia racial do Sul dos Estados Unidos, ele escreveu:

El ataque a la esclavitud fue para el sudista la amenaza contra su propiedad, el desconocimiento de su derecho, el propósito de una tiranía federal, y por último, - ¡Asombra decirlo! Un ultraje a su creencia religiosa. El hombre del Sur creía en la esclavitud como creía en Dios (MARTÍ, 2016, v.17, p.185)

Diante de uma ideologia racial de tal modo enraizada na mentalidade sulista não haveria espaço para a conciliação. O nacionalismo do Sul dos Estados Unidos teria a defesa da escravidão e da desigualdade entre as raças enquanto argumentos fundamentais. Os usos radicalmente distintos do discurso político e religioso no Norte e

no Sul ficam deste modo contrastados nesta crônica na qual o autor expressou as linhas gerais de seu pensamento sobre o significado da fundação do Partido Republicano e da Guerra Civil. Ele desenhóu um processo no qual os interesses mercantis e materiais que separavam o Norte e o Sul foram progressivamente deixando de ser a causa principal para a existência do conflito, que teria ganhado cores universais ao ter encapado a bandeira abolicionista. Os abolicionistas teriam transformado a guerra pela unidade da nação em um monumento universal em defesa da liberdade, contrariando as expectativas dos impérios da Europa. Ao escrever sobre a postura firme e decisiva de Abraham Lincoln no momento de ruptura com o Sul, Martí denunciou, também, o que ele denominou de um rancoroso júbilo da Europa pela possibilidade de mutilação do Colosso do Norte. Sobre a Reconstrução no Sul, após o fim da Guerra Civil, escreveu sobre a importância do avanço da instrução formal entre os afro-americanos.

Outro autor que também se dedicou a estudar o significado da Guerra Civil Americana na obra de José Martí escreveu que o cubano desejou interpretar a guerra desde as nuvens, quer dizer, atribuindo a ela um significado transcendental (QUIÑONES, 2016). Acrescento ser importante que nosso autor tenha encerrado seu estudo sobre a fundação do Partido Republicano ecoando o grito dístico de Frederick Douglass e Wendell Phillips, que teriam percebido durante o desenrolar da guerra que a luta pela União e a Emancipação deve ser colocada como um fenômeno historicamente inseparável.

Outra lição que o cubano retirou de suas análises do pensamento abolicionista norte-americano foram sobre as consequências desastrosas do abandono da Reconstrução Radical no Sul em 1877. A emancipação só estaria completa quando os afro-americanos conseguissem conquistar os mesmos direitos civis e políticos que os brancos. O aumento da violência contra as comunidades de afro-americanos no Sul dos Estados Unidos durante as décadas de 1880 e 1890 e que culminou, tal como sabemos, com a aprovação das leis Jim Crow em 1896, foi um processo que levou nosso autor a concluir, durante a década de 1880, que a Revolução Cubana não deveria cometer os mesmos erros que aconteceram no período da pós-emancipação nos Estados Unidos. Algumas das crônicas, que relatam as denúncias contra os linchamentos, à perseguição

policial e a aplicação distorcida da lei aos negros do Sul, tiveram versão duplicada, por terem sido publicadas nos periódicos *La Nación*, de Buenos Aires e *El Partido Liberal*, da Cidade do México. As Novas Edições Críticas das Obras Completas, cujo último volume foi publicado em 2019, e que ainda não foram inteiramente publicadas e já contam com 29 volumes, nos permitem realizar a comparação da versão de ambos os periódicos, inseridos em dois diferentes contextos nacionais. Podemos afirmar, em uma análise preliminar dessas fontes, que os ensaios publicados no México, a partir de 1885, possuem versões potencialmente mais radicais e explosivas que aquelas que se tornaram mais conhecidas, publicadas em Buenos Aires. Sabemos, também, por conta de alguns estudos, que José Martí foi censurado muitas vezes pelos editores do jornal porteño por conta de suas críticas contundentes a diversos elementos da vida política e social norte-americana. Isso pode ter acontecido por conta da tentativa de apagamento da existência de uma forte presença de africanos na população argentina e na formação de sua cultura (DELANEY, 2008). As denúncias contra o racismo nos Estados Unidos colocavam o dedo numa ferida que também estava aberta nesse país. Já o periódico da Cidade do México, ligado a um liberalismo radical, próprio do contexto da formação política mexicana, foi muito mais receptivo à exposição das contradições daquela sociedade, brilhantemente expostas nas crônicas.

A proximidade do México com os Estados Unidos também redimensiona completamente a importância da recepção destes ensaios naquele contexto, muito mais próximo das ameaças anexionistas e imperialistas dos Estados Unidos. Nas *Escenas Norteamericanas* Martí criticou de maneira direta as tentativas norte-americanas de aprovar acordos comerciais que seriam, segundo sua perspectiva, prejudiciais para o México por conta da possibilidade de quebrar a indústria doméstica do país e gerar mecanismos de dependência financeira e comercial em relação aos Estados Unidos. Estes são apenas alguns elementos básicos que nos permitem diferenciar o contexto de recepção destes ensaios em ambos os países citados, embora um estudo exaustivo da história dessa recepção ainda está para ser escrito. Porém, na medida em que o conjunto destas fontes ainda não foi inteiramente colocado ao acesso do público, ainda não é possível realizarmos essa análise comparativa de caráter exaustivo de todo o material

publicado em ambos os jornais. Em relação ao tema que estamos aqui abordando, é interessante observar a maneira como o autor selecionou a ordem dos títulos de uma crônica que contém uma veemente denúncia à violência exercida contra os afro-americanos do Sul e que teve sensível modificação na versão publicada na Argentina. Os títulos das crônicas apontam uma espécie de orientação oferecida ao leitor acerca do conteúdo delas. Muitas são dedicadas a um só tema de interesse, porém, a maioria inclui temas bastante diversificados, como é o caso desta a qual nos referimos. A versão publicada no periódico *La Nación*, na data de 16 de agosto de 1887, contém o seguinte título, no que toca a esta denúncia da violência no Sul: “*Procesión sombría en el Sur. La raza negra en los Estados Unidos*” (MARTÍ, 2016, v. 26, p.68-74) A versão do periódico mexicano, *El Partido Liberal*, publicada em 26 de julho de 1887, expõe: “*Procesión sombría. Asesinatos de negros en masa. Los Negros en el Sur y en Norte. Actitud actual de los negros. Gravedad del problema de raza*” (MARTÍ, 2016, v.26, p.61-67).

A versão Mexicana do ensaio coloca uma ênfase muito maior ao problema racial em comparação à versão Argentina. Prossigamos com a análise direta do texto em sua versão Mexicana. O ensaio narra o evento das comemorações que teriam sido feitas no Sul dos Estados Unidos em relação aos Confederados vencidos na Guerra Civil Americana. Da narrativa deste tipo de comemoração ele salta para a descrição das perseguições e assassinatos dirigidos contra os negros do Sul:

¿Qué guerra hay, que van armados? Llevan la carabina calzada en él arzón, como para no perder tiempo al caer sobre el enemigo. Bandidos parecen; pero so el alcaide y su patrulla, que vienen a matar a los negros de Oak Ridge, en castigo de que un negro de allí vive en amor con una blanca (MARTÍ, 2016, v.26, p.66).

A versão do cubano acerca do motivo que impulsionou essa onda de violência em Oak Ridge foi radicalmente distinta, evidentemente, daquela dos suprematistas brancos, que estavam acusando o homem de estupro, como justificativa para o linchamento e a execução, segundo reportagem do jornal *The New York Times*, publicada na época. Segundo Anne Fountain: “*The outcome of what the New York Times called “the Oak Ridge Riot” was predictably stacked in favor of the Southern*

whites: one white man was killed, and twelve black men lost their lives” (FOUNTAIN, 2014, p.54).

A linguagem utilizada por ele denunciou diretamente a injustiça da ação. Assaltos ou qualquer outro tipo de pretexto eram utilizados pelos suprematistas brancos para justificar seus atos de crueldade e violência perpetrados contra os afro-americanos. Neste ensaio, Martí denunciou não apenas a conivência das autoridades locais, mas a suposta participação direta do prefeito, da polícia e da justiça local na execução destes atos de crueldade e agressão. Um aspecto teórico, de enorme relevância, está presente neste ensaio. O racismo é denunciado como sendo uma espécie de exílio dos negros, em relação ao país onde nasceram. Os negros do Sul dos Estados Unidos seria um povo sem pátria, na medida em que as autoridades não reconheciam seus direitos civis e políticos, além de que, socialmente, a comunidade branca, segundo o autor, não demonstrava interesse em manter relações cordiais e pacíficas com os negros. O mesmo problema, em escalas distintas também aconteceria no Norte.

Na medida em que se tornaram expatriados da pátria em que nasceram, a categoria da Raça teria ganhado uma conotação fundamental, tendo se tornado o próprio fator de união e identificação dos negros dos Estados Unidos na luta por reconhecimento e liberdade.

¿Que han de hacer los negros, perseguidos por todas partes en el sur, del mismo modo, expulsados hoy mismo de la orilla del mar en un poblado religioso del Norte porque los cristianos van allí a adorar a Dios se enojan de verlos, más que apretar, como aprietan, la línea de raza, negarse a recibir del blanco, como antes recibían, la religión y la ciencia, levantar seminarios de negros y colegios de negros, prepararse a vivir fuera de la comunión humana, esquivados y perseguidos en el país donde nasceran?(MARTÍ, 2016, v.26, p.67).

É importante ressaltarmos o aspecto positivo dessa identificação dos negros em torno da raça, como sendo o reconhecimento de uma pátria para os afro-americanos neste discurso. Quer dizer, na medida em que seriam constantemente excluídos do espaço público da sociedade, em resposta, esses atores buscaram organização nos diferentes níveis, político, social e cultural, construindo instituições próprias para suprir a sua demanda de acesso à educação, à cultura e à cidadania, lutando ativamente por

seus direitos políticos e sociais. A nacionalidade que lhes era negada por direito foi suprida pela união dos negros em prol de elevar a raça por seus próprios esforços.

Martí reconheceu esse aspecto positivo da luta dos negros dos Estados Unidos contra o racismo explicitamente na crônica. Nesta narrativa sobre a perseguição, o prefeito de Oak Ridge é acusado por Martí de ter realizado execuções sumárias por enforcamento, sem nenhuma realização de um processo legal. Esse ensaio publicado em 1887 denuncia a repressão e violência contra os afro-americanos do Sul, demonstrando o estado das coisas mesmo antes da aprovação das leis *Jim Crow* em 1896. É interessante que ele tenha comparado a atitude positiva de resistência dos negros dos Estados Unidos com a atitude histórica dos judeus frente à diáspora, quer dizer, por não possuírem uma pátria fixa, teriam sido obrigados a se solidarizar entre si. Deste modo, ele comparou a situação dos afro-americanos com a dos desterrados sem pátria. Na medida em que o próprio autor se viu obrigado a viver uma vida de desterrado sem pátria nos Estados Unidos, por sua condição de estrangeiro político, é interessante que ele tenha se solidarizado com os outros povos desterrados que viviam naquelas terras. Em suas palavras: “*Es el albor de un problema formidable*” (Id, Ibid).

O pesquisador cubano-americano Manoel Pedro Gonzáles comparou as crônicas de José Martí com o trabalho do historiador e biógrafo romano, Plutarco, tendo chamado o cubano de *a plutarchian portrayer*. O interesse do cubano pelo estudo da oratória e do discurso político das diferentes lideranças mais importantes dos Estados Unidos, de fato, permite a realização desta interessante comparação. A análise de como nosso autor apresentou as diferentes lideranças abolicionistas em suas crônicas é um excelente caminho para compreendermos a interpretação do abolicionismo norte-americano realizada por ele. Neste sentido, a crônica sobre Wendell Phillips publicada em 1884 foi o mais importante ensaio escrito pelo cubano sobre uma liderança abolicionista dos Estados Unidos. Essa crônica lembra a abordagem daquela que ele escreveu sobre a vida e o pensamento de Ralph Waldo Emerson em 1882, já que nos é apresentada como uma espécie de guia espiritual sobre como viver e morrer e, também, na medida em que foi escrita quando do acontecimento da morte desta importante

liderança política. A interpretação apresentada possui, explicitamente, um forte tom ou talvez uma fragrância espiritual:

Los grandes hombres, aún aquellos que lo son de veras porque cultivan la grandeza que hallan en sí y la emplean en beneficio ajeno, son meros vehículos de las grandes fuerzas. Una ola se va y otra ola viene. Y son, ante la eternidad, los dolores tajantes, los martirios resplandecientes, los grupos de palabras sonoras y flamígeras, los méritos laboriosos de los hombres – como la espuma blanca que se rompe en gotas contra los filos de la roca o se desgrana, esparce y hunde por la callada arena de la playa (MARTI, 2016, v.17, p.123).

A leitura desse trecho pode nos oferecer certa sensação de que estamos todos conectados e de que a vida dos diferentes seres e pessoas como que formam elos que se entrelaçam em meio ao contínuo de uma existência infinita. Perante um olhar desse modo transcendental aquilo que realmente importa na vida das figuras públicas são a força histórica dos ideais e princípios que os moveram, neste caso, a força histórica da luta pela emancipação e liberdade. Quando o elo de uma vida termina, o elo de outra a substitui e este processo de luta pela liberdade prossegue e avança no tempo. Os indivíduos são apenas os elos, ou ondas que dão continuidade, uma à outra, a imensidão do oceano aberto e contínuo.

A existência humana parece nos ser apresentada como parte de um enredo cósmico, no qual a existência do egoísmo e do que poderíamos chamar de paixões inferiores, ligadas aos prazeres sensoriais, existem apenas para que os seres pudessem se conhecer de maneira mais profunda. Como se todo o ódio, conflito e rancor tivesse, mediante este jogo cósmico da existência, um caráter provisório, que serve como caminho para que os indivíduos e coletividades possam conhecer-se e superar o egoísmo através do amor. Figuras que lutaram pela liberdade, sacrificando a si - mesmas, seriam para ele impulsionadas basicamente pelo sentimento de amor e compaixão por todos aqueles que sofrem.

Uma das maiores contribuições de Phillips ao abolicionismo norte-americano teria sido sua postura de acreditar que o processo da abolição da escravidão só estaria completo quando os libertos tivessem conquistado os mesmos direitos civis e políticos que os brancos. Nesse sentido, a escolha de Martí por privilegiar a análise da obra de

Phillips com um tom de denúncia frente às agressões e linchamentos demonstra o reconhecimento da permanência destes problemas, quer dizer, da segregação racial, após o abandono da Reconstrução Radical. Wendell Phillips teria investido todas as suas energias, a força de sua oratória e pensamento, e o próprio caráter de sua filosofia social na causa abolicionista. Nas palavras do cubano: *“El Universo entero adquirió para él la forma de un negro esclavo”* (Id, Ibid). Na análise de Martí, Phillips foi um homem cujo pensamento teria ultrapassado os limites de sua própria época e existência física. Ele comparou Phillips com um monte que anda, quer dizer, uma figura cujas virtudes ultrapassaram a mediocridade dos obstáculos com que se deparava. Phillips, nesta interpretação teria lutado pela realização plena da justiça e da liberdade no momento presente do tempo em que atuou, sem nunca ter recuado ou ter feito concessões de seus princípios. Teria sido uma daquelas lideranças políticas que tinha a capacidade de enxergar os males da sociedade em suas raízes, sem nunca ter se esquivado de apontar as fontes reais dos problemas sociais de modo radical e direto.

Martí elogiou o radicalismo de Phillips e Willian Llyod Garrison por terem se recusado a jurar a constituição e denunciado a conivência do Norte com a perpetuidade da instituição do cativeiro no Sul. Escreveu que suas denúncias radicais não foram menos importantes que as figuras mais moderadas que buscavam agir por dentro das instituições. Essa interpretação demonstrou a importância que o estudo do pensamento dos abolicionistas radicais teve para o aprofundamento de suas próprias reflexões sobre a questão da Emancipação, Neste sentido, é fascinante observar como Martí identificou na obra de Wendell Phillips uma estratégia discursiva radical diferente de outras, mais tradicionais, que eram convencionalmente utilizadas para descrever o processo da emancipação e da guerra civil nos Estados Unidos.

Acreditamos que ambos os discursos políticos, aquele ligado ao republicanismo clássico dos pais fundadores e a outra linguagem, muito mais profunda e radical, em sua crítica da sociedade, elaborada pelos abolicionistas, foram fontes inspiradoras presentes na linguagem dos ensaios do cubano, porém a linguagem do abolicionismo radical permitiu que ele elaborasse uma visão contemporânea e crítica das relações raciais na América do Norte.

A análise do exemplo positivo, encontrado no radicalismo destas figuras estudadas, contribuiu, portanto, para a consolidação por Martí, de seu discurso sobre a igualdade racial, dentre outras fontes, em relação a Cuba. A estratégia política de Martí incorporou o radicalismo do abolicionismo de Wendell Phillips nos princípios, ao mesmo tempo em que tentou criar unidade em torno de princípios semelhantes, levando em conta as tensões reais que ocorriam no processo da luta pela independência cubana.

Martí expressou, também, nesse ensaio, um elogio por Phillips ter sido um “aristocrata da inteligência”, no sentido de que não teria barganhado seus princípios democráticos e libertários. Outro aspecto da personalidade do líder abolicionista que teria seduzido, por que não dizer, a atenção do cubano foi a excelente habilidade de Phillips como orador político. Como sabemos o próprio Martí foi um orador político de enorme habilidade e identificou na figura deste abolicionista norte-americano o que teria sido o maior orador da América do Norte.

Acreditamos que o cubano entendeu o pensamento intelectual e político enquanto um processo de fazer ver aos leitores, as dimensões da realidade histórica através de múltiplos olhares. Quer dizer, a capacidade de Phillips em convencer o público sobre a justiça da causa abolicionista, através de sua oratória, seria tão grande que ele teria ganhado a admiração até mesmo de seus piores adversários. Ao se elevar a esta estatura, quanto ao protagonismo de sua ação histórica, ganhou, pelos motivos elencados, seu lugar no panteão dos heróis martianos.

Conclusão.

Na primeira parte do artigo nós pudemos apresentar como uma perspectiva historiográfica transnacional nos ajuda a compreender melhor os textos políticos dos atores ligados ao abolicionismo norte-americano, conectados com as lutas e ensejos dos ativistas caribenhos. Tratamos sobre a Guerra Civil Americana e seus significados conectados com a luta dos caribenhos, neste caso, principalmente os cubanos, por independência e emancipação. Na segunda parte do artigo pudemos oferecer ao leitor um panorama de novas pesquisas sobre José Martí e o debate racial nos Estados Unidos, que abordam a profundidade da leitura deste intelectual sobre a sociedade norte-

americana e a necessidade de novos estudos que tracem as conexões destas leituras com os contextos históricos, sobretudo do México e do Caribe. Finalmente, explorando as crônicas de José Martí sobre a Guerra Civil Americana e o pensamento abolicionista, nós percebemos como o abolicionismo radical, o anti-colonialismo e o anti-imperialismo foram ideários decisivos para o cubano elaborar, também, suas estratégias políticas e projetos em relação à independência de Cuba, sobretudo no que tocou a questão da emancipação e das relações raciais.

Bibliografia

ANDERSON, Kevin. *Marx at the Margins, On Nationalism, Ethnicity, and Non-Western Societies*. The University of Chicago Press, Chicago, 2010.

DELANEY, Jeane, *Imaginando la Raza Argentina*, IN: PAMPLONA, Marco A.

DOYLE Don. H. Nacionalismo no Novo Mundo. A formação dos Estados Nacionais no Século XIX, 2008. p. 213-238.

DOYLE, Don; NAGLER, Yorg; GRASER, Marcus (org). *The Transnational Significance of the American Civil War*. Palgrave. Macmillan, Transnational History Series, New York, 2016.

DUBOIS, W.E. Burghardt. *Black Reconstruction in America: A essay toward a history of the part witch black folk played in the attempt to reconstruct democracy in America, 1860-1880*. Harcourt Brace and Company. Ney York, first edition, 1935.

FERRER, Ada, *Writing the Nation: Race, War, and Redemption in the Prose of Independence, 1886-1895*, IN Insurgent Cuba. Race, Nation and Revolution, 1868-1898. The University of North Carolina Press, 1999, p.112-140.

FOUNTAIN, Anne, José Martí, *African Americans and the Post-Civil War United States*, IN: José Martí, United States and Race, University Press of Florida, Florida, 2014.

FOUNTAIN, Anne. *Chronicles of the Crusaders*. IN: José Martí, United States and Race, University Press of Florida, Florida, 2014; MONTERO, p.59-76.

GONZALEZ, Manuel Pedro. *José Martí – Epic Chronicler of the United States in the Eighties*. The University of North Carolina Press; New edition, 2011.

GUYATT, Nichollas. Tocqueville's Prophecy: the United States and the Caribbean, 1850-1871. IN: DOYLE, Don; NAGLER, Yorg; GRASER, Marcus (org). *The Transnational Significance of the American Civil War*. Palgrave. Macmillan, Transnational History Series, New York, 2016, p.205-229.

HARROLD, Stanley. *Morality, Violence, and Perceptions of Abolitionist success and failure from before the civil war to the present*. IN: Democracy and the American Civil War. Race and African Americans in the Nineteenth Century. Edited by Kevin Adams and Leonne M. Hudson. The Kent State University Press. Kent, Ohio. 2016 by the Kent State University Press, Kent, Ohio p.6-26.

MARTÍ, José. Obras Completas, Edición Crítica. Vinte e nove volumes (até o presente momento) Centro de estudios Martianos, La Habana, 2019.

MARTÍ, José. Obras Completas. *Wendell Phillips* (1884), Edición Crítica. V.17. Centro de Estudios Martianos, La Habana, 2016, p.122-128

MARTÍ, José. Obras Completas, *El General Grant* (1885), Edición Crítica. V.22. Centro de estudios Martianos, La Habana, 2016, p.117-144.

MARTÍ, José. Obras Completas. *Correspondencia particular para El Partido Liberal* (1887). Edición Crítica. V.26. Centro de estudios Martianos, La Habana, 2016, p.61-67.

MARTÍ, José. Obras Completas, *Cartas de Martí* (1887), Edición Crítica. V.26. Centro de estudios Martianos, La Habana, 2016, p.67-74.

MONTERO, Oscar. *Against Race*. IN: José Martí, an Introduction. Palgrave, Macmillan, New York, New York, 2004. P.60-87.

QUIÑONES, Arcadio Diaz, *Sobre los principios. Los intelectuales caribeños y la tradición*. Universidad Nacional de Quilmes, Buenos Aires, 2006.

RODRÍGUES, Pedro Pablo, *Martí e as duas Américas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ROJAS, Rafael, *La Invención de Cuba*. Madrid: editorial colibrí, 2014.